

01-11-2022

Reflexões de uma aprendiz de escritora

Damiana Pereira de Sousa

[Professora e pesquisadora de literatura indígena]

Dias atrás finalizei a disciplina Espaço, Cultura e Diferença, ministrada pelo professor Alex Ratts do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/UFG. Disciplina que nos possibilitou refletir, dialogar, ler e escrever sobre temas que nos atravessam diretamente. A turma foi composta majoritariamente por pessoas pretas e indígenas. No último dia de aula, o professor Alex nos perguntou “*Para quem vocês escrevem*”? Me questionei no mesmo instante: para quem eu escrevo? E mais: por que eu escrevo? Ele, o professor, pediu para pensarmos e respondermos ao final da aula. Fiquei o tempo todo pensando e para uma aprendiz foi uma das melhores experiências. Na minha vez respondi: escrevo para todos(as), para que conheçam e leiam a literatura indígena e nos ajudem no combate a todas as formas de discriminação, violência e opressão que os povos indígenas do Brasil sofreram e sofrem todos os dias. A aula terminou, a disciplina também e continuo com a pergunta na cabeça: para quem escrevo?

Por que escrevo? Por que quero aprender a escrever mais e melhor?

Por que me forço nessa labuta? Você, caro(a) leitor(a), sabe por que escreve? Você escreve?

Depois de muita reflexão diante da pergunta e de fatídicos acontecimentos cotidianos, concluí que a resposta vai além do que disse ao professor Alex.

Escrevo porque sou atravessada diariamente por situações e fatos que me encham de indignação, ódio, raiva e que destroem meu dia.

Fatos que expomos, falamos e denunciemos, mas que mesmo assim, infelizmente, sempre se repetem no dia seguinte e no seguinte e no seguinte... Violência, racismo, machismo, sexismo, misoginia, preconceitos, discriminações, silenciamento, injustiças. Tudo isso, todos os dias. E o pior, todos(as) que lutam contra esses males são silenciados(as), apagados(as), desautorizados(as). Em todas as escalas. Basta observarmos comportamentos, ações e falas, muitas vezes camufladas, mas que transmitem a mensagem opressiva. Na disciplina tivemos o privilégio de aprofundar no pensamento de autoras que refletem sobre essas questões há muito tempo, como: Carolina de Jesus, Lélia Gonzalez, Gloria Anzaldúa, bell hooks, Braulina Aurora Baniwa, Abigail Campos Leal, Sueli Carneiro, e outras. Intelectuais que escreveram e escrevem como forma de potencializar as lutas.

É a escrevivência, a escrita que rasga e ao mesmo tempo conforta. Enunciam o conhecimento dos seus lugares de fala. Sim, lugar de fala, lugar de onde se enuncia conhecimento, ou seja, a ideia de conhecimento situado. Bem diferente da noção de que as pessoas estão impossibilitadas de se expressarem - interditas na fala - como coloca a pesquisadora Winnie Bueno, estudiosa de questões raciais, gênero, direitos humanos, intolerância religiosa e pensamento feminista negro.

Interdito de fala porque, quando os povos subalternizados começaram a produzir teorias a respeito de suas próprias vivências, criou-se o interdito: não se pode falar do que se tem aproximação, pertinências com o objeto! Isto é, reproduz-se a noção de que esses povos continuem objetificados.

Há, assim, manutenção e promoção de lógicas de violência, pois elimina-se o pensamento e mantém-se os padrões hegemônicos na produção de conhecimento. Lugar de fala, interseccionalidade, imagens de controle e matriz de dominação são alguns conceitos sistematizados por intelectuais negras que ajudam a compreender as estruturas a que estamos submetidos(as). O que é feito com esses conceitos, conforme Winnie, é justamente meio para a persistência da autoridade epistêmica para quem sempre a exerceu. Esvazia-se e despolitiza-se tais conceitos e mantém-se os padrões hegemônicos. E, acredito que não existe outro nome para este processo, chama-se: epistemicídio! Há várias formas de silenciamento e no dia a dia exemplos é o que não faltam. Frases do tipo “*Nem tudo é militância, né*”, “*Tem a hora certa de militar!*”, “*Ah, fulano vai falar, começou a militância*”, “*É vitimismo!*” “*Lá vem o mimimi*”, “*Não foi isso que eu quis dizer*”, “*Ah, tem até bandeira estético-literária.*”, “*Olha, está fragmentando as lutas*”, “*Deve ser baixa autoestima*”.

São pequenas/grandes violências cujo intuito é silenciar de uma vez por todas. Sueli Carneiro na obra *Escritos de uma vida* (2018), expõe de forma clara e embasada, sobretudo em dados, todo esse processo de discriminação e opressão imposto. Evidencia a problemática da desigualdade de raça aliada à de gênero, criando o que ela chama de “*matriarcado da miséria*”, essa experiência histórica de ser mulher preta na sociedade brasileira. Mostra as desigualdades gritantes refletidas nos números, como no IDH [Índice de Desenvolvimento Humano]: *O IDH relativo à população negra colocaria o Brasil na 108ª posição, enquanto o IDH da população branca faria o país ocupar o 49º lugar. Ou seja, existe, num mesmo território, um país habitado por brancos que apresenta IDH em patamar semelhante ao da Bélgica, e um país habitado por gente negra cuja qualidade de vida fica abaixo de dez países africanos e cinco posições abaixo da que se verifica na África do Sul - onde até recentemente vigorava o regime do apartheid.* Demonstra a inaceitável existência de dois países separados num mesmo território! Segue, enfatizando que se nos indignarmos com essa realidade que produz privilégios para uns(umas) e exclusão para outros(as), todos(as) se envergonhariam e assim seríamos capazes de romper com a indiferença em relação a DOR da COR que o racismo produz. E, então, encontrar os instrumentos para agir contra as práticas discriminatórias. Sueli reitera que construímos uma das formas mais perversas de racismo conhecidas no mundo, pelo cinismo e pela hipocrisia de que ele se reveste no Brasil.

A forma como a sociedade brasileira enfrenta a problemática racial depende do projeto de nação inclusiva que desejamos ou da consolidação do projeto de nação excludente construída nos 522 anos de genocídio dos povos indígenas e da marginalização social da população negra. A produção intelectual dos povos ditos subalternizados está ultrapassando fronteiras e adentrando nos currículos. É preciso ler, estudar e refletir antes de reproduzir ideias equivocadas sobre o que não se tem conhecimento e nem propriedade de fala. É preciso combater, de fato, o epistemicídio.

continua



A escrita é um caminho para potencializar o combate aos apagamentos históricos, fortalecer a luta e a resistência e impugnar todas essas formas malévolas de discriminações que insistem e persistem em nos silenciar, em nos matar.

Por isto, escrevo! A força esmagadora da palavra é revigorante e seduz!

**E para isso essa aprendiz de escritora enfatiza o que Sueli Carneiro nos transmite:
é preciso respirar paixão pela igualdade, é preciso sermos melhores do que somos, é preciso evoluirmos e irmos além.**

Vamos?

Escrever para sobreviver, escrever para resistir/existir.

Escrever para não SUFOCAR! Escrever para não SILENCIAR!

■ ■ ■

Referências

- Carneiro, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Editora Letramento, 2018.

- Carneiro, Sueli. *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

- [Winnie Bueno](#). *Introdução à Patricia Hill Collins*. Mediação: Bruna Pereira. Curso *Introdução ao pensamento crítico hoje* (aula pública).

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*